

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA - ESEFID

Lucas Oliveira de Lima

**A GESTÃO DAS CATEGORIAS DE BASE E DAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO
FUTEBOLÍSTICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

**Porto Alegre
2016**

Lucas Oliveira de Lima

**A GESTÃO DAS CATEGORIAS DE BASE E DAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO
FUTEBOLÍSTICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Bacharelado em Educação Física, da Escola
de Educação Física, Fisioterapia e Dança da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

**Porto Alegre
2016**

Lucas Oliveira de Lima

**A GESTÃO DAS CATEGORIAS DE BASE E DAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO
FUTEBOLÍSTICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**

Conceito final: _____

Aprovado em ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Myskiw – UFRGS

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família de modo especial. Por todo o incentivo, apoio e presença, tantos nos momentos bons quanto nos difíceis. Também sou grato aos colegas de curso, pelas oportunidades que tivemos de aprender e vivenciar a universidade juntos. E, por fim, ao meu orientador, prof. Dr. Mauro Myskiw, pela ajuda, pela compreensão e pelos ensinamentos.

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar quais as diferenças e as relações apontadas na literatura, a respeito da estrutura organizacional e de gestão, entre as chamadas “categorias de base” e as “escolas de iniciação” futebolística. A metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa. De modo específico, a revisão sistemática. Para a realização da análise e discussão elencaram-se cinco pontos/assuntos que consideramos estarem relacionados a gestão das categorias de base de futebol e das escolas de iniciação futebolística. São eles: a) objetivos/propósitos, b) equipe profissional atuante, c) questões estruturais, d) relação com o universo profissional (empresários, pais) e o último e) legislação. A análise da literatura permitiu a interpretação de que, em basicamente todos os pontos/assuntos, há maiores distanciamentos/diferenças do que aproximações/relações entre as categorias de base e as escolas de iniciação ao futebol. Sendo que o principal apontamento refere-se a noção de que a categoria de base se configura – fundamentalmente – como um espaço profissionalizante, envolto por aspectos mercadológicos e, em contrapartida, as escolas de iniciação (como sugere o nome) apresenta-se como um local voltado especialmente para a iniciação a modalidade futebol.

Palavras-chave: Gestão; Categoria de base; Escolinha de Futebol.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the differences and relations mentioned in the literature, regarding the organizational structure and management, between the so-called "youth system" and "football initiation schools". The research methodology was qualitative. Specifically, a systematic review. To perform the analysis and discussion was choose five points / issues that we think are related to management of football youth teams and football initiation schools. They are: a) objectives / purposes, b) active professional team, c) structural issues, d) relationship with the professional world (employers, parents) and the last e) legislation. The literature review allowed the interpretation that, basically, all points / issues, there are greater distances / differences than approaches / relations between the categories of basic and football initiation schools. And the main note refers to the notion that the base category is configured - fundamentally - as a professional space, surrounded by marketing aspects and, on the other hand, the initiation schools (as the name suggests) is presented as a site specially dedicated for initiation football mode.

Keywords: Management; Youth system; Football Initiation School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DECISÕES METODOLÓGICAS	12
2.1 Caracterização do estudo	12
2.2 Seleção das referências	12
2.3 Análises das referências	14
3 GESTÃO DAS CATEGORIAS DE BASE.....	16
4 GESTÃO DAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO FUTEBOLÍSTICA	23
5 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Levando em consideração que o presente estudo trata da gestão de categorias de base de futebol e escolas de iniciação ao futebol, entendo que seja pertinente fazer alguns esclarecimentos teóricos. Para tanto, tomo como referência a classificação estratégica feita por Arlei Sander Damo (2007) acerca das matrizes do futebol. Sucintamente, a primeira matriz, sugerida pelo referido autor, seria a “bricolada” sendo essa uma maneira mais informal e improvisada de praticar o futebol. A segunda matriz é a “espetacularizada” que é a forma profissionalizada do futebol tendo três principais características: 1) organização, 2) divisão social do trabalho e 3) excelência performática. A terceira matriz é a “comunitária”, o “futebol de várzea” como é popularmente conhecido. A quarta e última matriz é denominada de “escolar” sendo o futebol praticado nas aulas de educação física escolar, fundamentalmente. Trago esses tipos de futebol - ou “futebóis” (DAMO, 2007) – porque penso que todas essas matrizes apresentam suas formas de organização e, porque não, de gestão. No entanto, no interior desses distintos modos de configuração do futebol, tenho como objetivo centrar-me – especialmente – na matriz “espetacularizada”, ou no futebol profissional, buscando compreender os processos de gestão que estão por trás da formação de atletas de futebol profissional. Tendo feitas essas pequenas considerações, segue-se o trabalho.

Nos próximos parágrafos, trato da busca pela profissionalização da gestão nos clubes de futebol nas últimas décadas. Exponho brevemente alguns acontecimentos pontuais que foram relevantes para a profissionalização da maneira de gerir no futebol. Também abordo duas leis que contribuíram para que o esporte caminhe para meios de gestão profissional: 1) Lei Pelé e 2) Lei do Profut. Por fim, trago alguns apontamentos sobre a evolução da gestão no futebol.

Dando início a estas questões, a partir da década de 80, em especial, aumenta-se o número de transações envolvendo o antigo “passe” dos jogadores, dá-se início ao processo de cessão dos direitos de transmissão dos jogos pelas redes de televisão, alguns jogadores, destaques evidentemente, começam a receber patrocínio de marcas esportivas dando abertura ao marketing das grandes empresas através da exposição dos futebolistas. O futebol já não se configura como uma prática apenas amadora sem fins lucrativos e consolida-se como um negócio a partir das décadas de 1990 e 2000, principalmente (MAZZEI; BASTOS, 2012).

Tendo isso em vista, surge a necessidade de se profissionalizar as formas de gerir o futebol, no sentido de dar conta das crescentes demandas mercadológicas. No intuito de ter uma breve ideia do que seria essa gestão profissional, que de alguns anos para cá vem se tornando importante para os clubes de futebol, apresento uma definição. Deste modo a gestão profissional é aquela:

[...] realizada por profissionais contratados exclusivamente para esta finalidade e caracterizada pela busca permanente de resultados positivos ao longo de sua existência, como única possibilidade de permanência no mercado; centra-se na visão do lucro e da rentabilidade e a administração é predominantemente voltada para fora, onde as ações estratégicas mais importantes concentram-se no mercado consumidor. (SPESSOTO, 2008 *apud* MAZZEI; BASTOS, 2012, p.126)

Conforme os autores citados acima, o futebol ainda não é gerido de maneira exclusivamente profissional. Alguns níveis de maior importância, como a Diretoria Executiva dos clubes, permanecem num modo de gestão amadora – não apresentam as características de uma gestão propriamente especializada. Certas questões políticas permeiam a distribuição de cargos mais elevados na gestão dos clubes. Esse é um entrave que dificulta a implementação da gestão profissionalizada no futebol (MAZZEI; BASTOS, 2012). No entanto, mesmo não atingindo posições administrativas mais elevadas, alguns clubes buscam a profissionalização em outros níveis; não ligados diretamente a funções executivas. Também podemos citar a Lei Pelé como uma tentativa de profissionalizar a gestão dos clubes de futebol, onde foi sugerida a modalidade de clube-empresa. Sugerida porque a lei foi alterada, tornando opcional a mudança para clube-empresa. A consequência: até 2011 nenhum dos 20 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol possuía o formato de clube-empresa (MAZZEI; BASTOS, 2012). Finalizando sobre a Lei Pelé, de modo geral ela acabou abrindo espaço para a ação dos empresários no mercado futebolístico, pois tendo em vista que, com a criação da Lei, surgem os direitos federativos e econômicos do jogador de futebol. A consequência dessa divisão de direitos é que o clube não é mais dono dos direitos econômicos dos jogadores, somente possui os direitos federativos. Os direitos econômicos ficam ao encargo, sobretudo, dos empresários que possuem portanto maior liberdade para realizar possíveis negócios de transferência dos futebolistas.

Passo neste momento para a Lei do Profut. Resgato a matéria do site UOL, de 08/08/2015, “Cinco mudanças radicais no futebol causadas pela nova Lei Profut”. Essa lei cria o Programa de Modernização da Gestão e de responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro – PROFUT. Em linhas gerais, a lei tem como objetivo possibilitar aos clubes

brasileiros o refinanciamento dos seus débitos ante a União. Sendo assim uma tentativa de modernizar o processo de gestão financeira dos clubes de futebol. Voltando a matéria, cinco principais mudanças ocorrerão com a adesão dessa lei. Primeira: risco de rebaixamento por dívida fiscal e de salário. Os clubes devem apresentar CND's (Certidões Negativa de Débito), que provem que estão em dia com o fisco (administração encarregada de calcular e arrecadar os impostos). Ademais, devem comprovar estar com os salários dos atletas em dia, englobando também o direito de imagem. Quem não cumprir essas normas corre o risco de ser rebaixado na temporada seguinte. Segunda mudança: queda na folha salarial. Quem aderir ao programa deverá limitar os gastos com futebol em 80%, o que significa redução no investimento dos times. Também, os direitos de imagem só poderão representar 40% dos salários dos atletas, o que - de igual maneira - culminará na diminuição da folha de pagamento. Terceira mudança: alívio nas dívidas com o governo. Segundo a Receita Federal, os clubes possuem uma dívida que gira em torno de 4 bilhões de reais. Os débitos fiscais serão parcelados em 240 meses (20 anos). Quarta mudança: controle de contas. Os clubes só poderão tomar posse de 30% de antecipações de receitas. Evitando o acúmulo de dívidas nas sucessões de gestores. Fechando a exposição sobre a Lei do PROFUT, a última mudança: eleições na CBF. Com a adesão da nova lei, as eleições para a presidência da CBF deverá contar com a participação de clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro. Ainda, jogadores e técnicos devem ser incluídos nas reuniões de definição de regulamentos de campeonatos.

A partir de agora volto-me para a dissertação de Luiz Marcelo Vídero Vieira Santos, “A evolução da gestão no futebol brasileiro”, datada do ano de 2002. Segundo esse autor duas questões foram fundamentais para que a gestão no futebol busca-se a profissionalização: 1) o crescimento da FIFA e 2) a transformação da Copa do Mundo no evento mais assistido do mundo. A partir desses eventos o futebol transforma-se em um grande negócio do mundo do entretenimento. Para se ter uma breve noção das proporções que o futebol tomou nas últimas décadas como produto de entretenimento, a Copa do Mundo é o evento esportivo mais assistido em todo o planeta e movimentou cerca de 1 bilhão de dólares na Copa da França (1998). O futebol cada vez mais cresce e produz uma cadeia de negócios (SANTOS, 2002). Como parte integrante dessa cadeia podemos citar:

[...] fãs de futebol, empresas patrocinadoras principais, empresas patrocinadoras de material esportivo para os clubes (patrocinador técnico), redes de televisão abertas e fechadas, loterias, licenciamento de produtos (exploração da marca), *merchandising*, serviços prestados nos estádios,

placas de publicidade nos estádios, outros clubes e federações. Todos esses são clientes ou fornecedores de produtos e serviços que compõe a cadeia de negócios do futebol. (SANTOS, 2002, p.16)

O mesmo autor afirma que a profissionalização da gestão no futebol ainda é moderadamente recente, mesmo no continente europeu. Sendo que – para encerrar essa questão acerca da evolução da gestão no futebol e tomando como referência Aidar e colaboradores (2000) – o ponto principal que impulsionou a profissionalização do futebol e da sua gestão posteriormente foi o nascimento de um mercado consumidor. Sendo a posição central desse mercado ocupada pelo “cliente torcedor”.

Dessa forma, o profissionalismo na gestão dos clubes de futebol é recente, igualmente, no Brasil. Apesar disso podemos vislumbrar alguns movimentos de tentativa de alcançar modos de gerência mais profissional por parte dos clubes. Como destacam Mazzei e Bastos (2012) alguns clubes já incluem no seu quadro administrativo profissionais com total dedicação as funções de gestão, em níveis que não agem diretamente com a tomada de decisões. A Lei Pelé também pode ser citada como um incentivo para que o clubes de futebol assumam o formato de clube-empresa e, conseqüentemente, busquem meios de gestão especializada. Por fim, temos a Lei do PROFUT que busca, especialmente, sanar as enormes dívidas dos clubes de futebol com a União. Sendo que as medidas exigidas pela Lei podem impulsionar a especialização da gestão no futebol brasileiro. No entanto, deve se reconhecer que essa modernização na administração dos clubes ainda é incipiente e caminha a passos curtos.

Dando fim a introdução, portanto, almejei focar em especial na busca pela profissionalização da gestão nos clubes de futebol nessa primeira parte da pesquisa. O intuito é contextualizar o objeto de estudo: a gestão das categorias de base e das escolas de iniciação futebolística. Esses dois espaços formativos – assim os percebo – se encontram no interior desse ambiente envolvido por negócios, mídia, interesses políticos. Um meio que possui grande complexidade. Desta forma, entendo que a relevância em estudar a gestão de categorias de base de futebol e escolas de iniciação futebolística se encontra na necessidade de se conhecer o campo de atuação profissional. O profissional de educação física, assim compreendo, deve conhecer minimamente o contexto que o envolve no ambiente profissional. Não só no meio do futebol, mas em todos. Por qual razão? otimizar a sua intervenção profissional, de modo que essa seja contextualizada e consciente das forças e relações – por vezes abstratas – que encontram-se na atuação profissional. Tendo feita a justificativa, apresento o problema de pesquisa que é o seguinte: Quais as diferenças e as relações

apontadas na literatura, a respeito da estrutura organizacional e de gestão, entre as chamadas “categorias de base” e as “escolas de iniciação” futebolísticas? De maneira similar o objetivo da pesquisa é: analisar quais as diferenças e as relações apontadas na literatura, a respeito da estrutura organizacional e de gestão, entre as chamadas “categorias de base” e as “escolas de iniciação” futebolística.

2 DECISÕES METODOLÓGICAS

Apresento nesta seção do estudo os caminhos metodológicos tomados para dar conta das questões de pesquisa. A seção será dividida em três partes: 1) caracterização do estudo, 2) seleção das referências e 3) Análises das referências. Na primeira aborda-se a metodologia de pesquisa utilizada; na segunda é explicitado o processo de captação de referências para a realização da pesquisa; e na terceira são expostos os procedimentos de organização e análise das informações. Após essa curta introdução, seguem os tópicos.

2.1 Caracterização do estudo

A metodologia de pesquisa utilizada no presente estudo é a qualitativa. Mais especificamente a revisão sistemática que é um método de caráter descritivo-discursivo (GOMES; CAMINHA, 2014). Conforme De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2011, p. 1261 *apud* GOMES; CAMINHA, 2014), a revisão sistemática é: “uma metodologia rigorosa proposta para: identificar os estudos sobre um tema em questão, aplicando métodos explícitos e sistematizados de busca; avaliar a qualidade e validade desses estudos, assim como sua aplicabilidade”. Ainda, para melhor entendimento, me apoio nos setes passos estabelecidos pelo Instituto Cochrane para a execução da revisão sistemática, que são os seguintes: a) formulação da pergunta, b) localização e seleção dos estudos, c) avaliação crítica dos estudos, d) coleta de dados, e) análise e apresentação dos dados, f) interpretação dos dados e g) aprimoramento e atualização da revisão (HIGGINS; GREEN, 2011 *apud* GOMES; CAMINHA, 2014). Portanto, tendo este método como base, num primeiro momento foi formulada a pergunta ou problema de pesquisa. Após, escolheram-se as plataformas de busca – que serão explicitadas no próximo tópico. Como terceiro passo, foram selecionados alguns estudos para posteriormente serem apreciados e discutidos. Saliento que os sete passos do Instituto Cochrane serviram como guia para a revisão sistemática. Todavia, não foram seguidos integralmente.

2.2 Seleção das referências

No que se refere a seleção das referências, foram utilizadas as seguinte plataformas para a busca de estudos: Ludopédio, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES,

Portal do IbiCT e Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Os descritores aplicados foram: gestão ou administração somados aos termos profissional e futebol; além de categoria de base e escolinha com a adição da palavra futebol. Desta forma, foi encontrado um total de 106.923 trabalhos em todas as plataformas de busca, usando todos os descritores. Destaco que muitos estudos apareceram repetidamente nos diferentes sites de busca o que pode reduzir o número total de resultados. Ademais, esse é um número aproximado e não definitivo. Desse total de estudos encontrados foram selecionados apenas aqueles que tratavam de iniciação ao futebol, categorias de base de futebol, formação de atletas, “escolinhas” de futebol e que faziam interface com a gestão ou mercado de formação de jogadores. Buscando, dessa forma, relacionar os critérios de inclusão e exclusão de estudos na revisão com o objetivo da pesquisa que – retomando – é: analisar quais as diferenças e as relações apontadas na literatura, a respeito da estrutura organizacional e de gestão, entre as chamadas “categorias de base” e as “escolas de iniciação” futebolísticas. Além disso, só foram incluídos os estudos publicados nas últimas duas décadas, fundamentalmente por ser esse período de tempo o momento em que surge a Lei Pelé, ampliando os debates em torno da gestão do futebol brasileiro. Ainda, todos os trabalhos que não eram artigos, dissertações ou teses foram instantaneamente excluídos. Seguindo esses pontos, foram selecionados 14 estudos que se aproximaram do escopo do presente trabalho. Sendo que essa seleção foi feita pela leitura dos títulos dos trabalhos e, sobretudo, a partir de um breve exame dos resumos e do texto dos estudos propriamente. Apresento um quadro abaixo para que o leitor possa visualizar com clareza todos os estudos selecionados para a análise e discussão.

Quadro 1 – Identificação dos estudos selecionados para a análise e discussão

Autores	Título	Formato	Ano
1 - Maurício Pimenta Marques e Dietmar Martin Samulski	Análise da Carreira Esportiva de Jovens Atletas de Futebol na Transição da Fase Amadora Para a Fase Profissional: Escolaridade, Iniciação, Contexto Sócio Familiar e Planejamento da Carreira	Artigo	2009
2 - Antonio Jorge Gonçalves Soares; Leonardo Bernardes Silva de Melo; Felipe Rodrigues da Costa; Tiago Lisboa Bartholo; Jorge Olímpio Bento	Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola	Artigo	2011
3 - Próspero Brum Paoli e Antonio Jorge Gonçalves	Tendência Atual da Detecção, Seleção e Formação de Talentos no Futebol Brasileiro	Artigo	2008

Soares			
4 - Francisco Xavier Freire Rodrigues	A Formação do Jogador de Futebol no <i>Sport Club</i> Internacional (1997-2002)	Dissertação de Mestrado	2003
5 - Paulo Cesar Montagner e Caio Cezar Oliveira Silva	Reflexões Acerca do Treinamento a Longo Prazo e a Seleção de Talentos Através de “Peneiras” no Futebol	Artigo	2003
6 - Rodrigo Machado Cruz	A Formação de Atletas de Futebol: um Estudo na Categoria Sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte-MG	Artigo	2012
7 - Antonio Jorge Gonçalves Soares; Hugo Paula Almeida da Rocha; Leonardo Bernardes Silva de Melo; Tiago Lisboa Bartholo	Mercado do Futebol, Juventude e Escola	Artigo	2010
8 - Amaury José Rezende; Flávia Zóboli Dalmácio; Carlos Alberto Pereira	A Gestão de Contratos de Jogadores de Futebol: Uma Análise Sob a Perspectiva da Teoria da Agência - O Caso do Clube Atlético Paranaense	Artigo	2010
9 - Francisco Xavier Freire Rodrigues	O Fim do Passe e a Modernização Conservadora no Futebol Brasileiro (2001-2006)	Tese de Doutorado	2007
10 - Luiz Carlos de Couto Albuquerque Moraes; Layla Campos Aburachid; Renato Melo Ferreira; Ingrid Ludimila Bastos Lôbo	Formação e Ações de Treinadores de Escolinhas de Futebol Para Crianças na Faixa Etária Entre 6 e 12 Anos	Artigo	2010
11 - Próspero Brum Paoli	Os Estilos de Futebol e os Processos de Seleção e Detecção de Talentos	Tese de Doutorado	2007
12 - Alcides José Scaglia	Escolinha de Futebol: Uma Questão Pedagógica	Artigo	1996
13 - Carlos Rogério Thiengo	Os Saberes e o Processo de Formação de Futebolistas no São Paulo Futebol Clube	Dissertação de Mestrado	2011
14 - Márcio Adriano de Paula	Acaso, Destino e Revelação: um Estudo Sobre Circulação, Projetos Familiares e Trajetórias na Formação de Jogadores de Futebol	Dissertação de Mestrado	2013

Fonte: do autor.

2.3 Análises das referências

Para a realização da discussão dos trabalhos selecionados, indicados acima, separei três categorias de análise, cada uma descrita num capítulo particular. A primeira trata da gestão das categorias de base (capítulo 3). Na segunda abordo questões sobre gestão das escolas de iniciação futebolística (capítulo 4). Na terceira e última categoria desenvolvo sobre

as aproximações/relações e distanciamentos/diferenças, apontadas na literatura, na gestão de categorias de base de futebol e escolas de iniciação futebolística (capítulo 5).

Para realizar a análise e discussão – de forma específica – elenquei alguns assuntos que se relacionam a gestão. Os pontos/assuntos – como chamo daqui em diante - são: a) objetivos/propósitos das categorias de base e escolas de iniciação no que concerne ao processo de formação; b) equipe profissional atuante; c) questões estruturais (infraestrutura, estrutura organizacional – divisão em categorias por faixa etária e etc.); d) relação com o universo profissional (empresários, pais); e) legislação. Logo, a dinâmica da análise e discussão envolveu discutir cada um dos assuntos através dos trabalhos encontrados na revisão sistemática; citando trechos dos estudos para ao final de cada seção tecer os comentários e interpretações. Essa dinâmica será seguida ponto a ponto (assunto por assunto) em cada categoria de análise. Isto posto, segue a análise e discussão abaixo.

3 GESTÃO DAS CATEGORIAS DE BASE

Dando início a primeira parte, abordo resumidamente sobre o que é a categoria de base, como é definido esse espaço. Deste modo, a categoria de base é o lugar onde é permitida:

[...] a possibilidade de aperfeiçoamento das habilidades dos garotos, com especial atenção para as correções de eventuais “vícios” na aplicação do gesto motor, conscientizando o jogador da importância da predisposição ao trabalho físico, técnico e tático, e do respeito às normas disciplinares do clube e do mercado de trabalho. Isto se deve ao fato de que o processo de formação de jogadores depende essencialmente da sua promoção nas categorias de base, pois serão estas que irão gerar os futuros jogadores. (PAOLI, 2007, p.67-68)

Em outras palavras, a categoria de base ou centro de formação (DAMO, 2007) é o local onde são formados/produzidos os futuros atletas de futebol profissional. Geralmente, cada clube de futebol possui a sua própria categoria de base tendo como objetivo, evidentemente, formar/produzir futebolistas de alto nível. Os clubes organizam esse processo de modos distintos.

Parto agora portanto para o primeiro ponto de análise: a) objetivos/propósitos das categorias de base. Começo citando o estudo de Rodrigo Machado Cruz, “A Formação de Atletas de Futebol: um Estudo na Categoria Sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte MG”, de 2008. Neste trabalho o autor apresenta a fala de um treinador sobre os objetivos do clube nas categorias de base. Os objetivos do clube, segundo o entrevistado, seriam: “Formar atletas para servirem a equipe profissional e para venda aos clubes estrangeiros de maior expressão”. Também, é apresentado um dado que considero relevante, 100% dos atletas que responderam a um questionário afirmaram que o principal objetivo – de estar nas categorias de base – é se tornar um jogador profissional.

Dando sequência a questão dos objetivos/propósitos, um segundo trabalho, de Antonio Jorge Gonçalves Soares e colaboradores, “Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola”, de 2011. Exponho, então, um trecho do estudo:

Melo (2010) indica que a carga horária que esses atletas em formação dedicam ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola. O mesmo estudo indica que o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais, portanto, em termos práticos a carga horária de dedicação de adultos e aspirantes a atletas é a mesma. Como visto, a carga horária de treinos para formar um atleta é alta. (SOARES *et al.*, 2011, p. 9-10)

Esse trecho trata de modo específico da carga horária a que são submetidos os atletas em formação. Todavia, justamente nessa questão, pode-se perceber nas entrelinhas o objetivo profissionalizante presente na categoria de base. Tendo em vista que – como aparece no trecho – a carga horária dos atletas em formação é similar a dos atletas profissionais, o que pode identificar um caráter mais profissional das categorias de base.

Sigo para o segundo ponto de análise: b) equipe profissional atuante. Para essa questão cito novamente Rodrigo Machado Cruz, “A Formação de Atletas de Futebol: um Estudo na Categoria Sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte MG”, de 2008. Segundo o autor, os profissionais que atuam nas categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube de Belo Horizonte são: Treinador, Fisiologista, Preparador Físico, Nutricionista, Fisioterapeuta, Assistente Social, Massoterapeuta, Dentista, Psicólogo, Preparador de Goleiros, Médicos e enfermeiros. Em suma, uma equipe multidisciplinar.

Também sobre esse assunto (equipe profissional atuante) apresento o trabalho feito por Amaury José Rezende e colaboradores, “A Gestão de Contratos de Jogadores de Futebol: uma Análise sob a Perspectiva da Teoria da Agência – o Caso do Clube Atlético Paranaense”, do ano de 2010. Na página de número 16 os autores nomeiam os profissionais que atuam juntamente aos atletas das categorias de base do Clube Atlético Paranaense, que são: médicos, nutricionistas, fisioterapeutas e dentistas. Não são elencados os profissionais que atuam diretamente no campo de futebol, como treinadores, preparadores físicos e de goleiros. Entretanto, entende-se que é oferecida uma equipe multidisciplinar de profissionais nas categorias de base desse clube, assim como no caso anterior.

Finalizando a exposição sobre o segundo ponto/assunto de análise, Santos (2009 *apud* THIENGO, 2011, p. 71) fala sobre a:

[...] a racionalização proposta para o futebol, pela introdução de novas tecnologias e saberes, com a inserção de profissionais de diversas áreas (Fisiologia, Nutrição, Psicologia, Fisioterapia, entre outros), no contexto da formação do futebolista brasileiro foi um processo de racionalização à brasileira, onde os métodos científicos acabaram sendo ressignificados, passando a dialogar com o modelo predominante de formação de futebolistas, baseado na concepção inata do desempenho esportivo.

A inclusão da tecnologia na formação de jogadores de futebol, rompendo com a ideia de que o talento é o ponto central da alta performance futebolística e, outra vez, a equipe multidisciplinar de profissionais é mencionada na literatura.

Daqui em diante mostro estudos que falam sobre as questões estruturais das categorias de base, ponto/assunto c). O primeiro trabalho que apresento é de Damo (2005, p.14 *apud* PAOLI, 2007, p.68) que destaca alguns elementos que fazem parte do processo de formação de atletas de futebol. São eles: 1) os espaços físicos, denominados de centros de formação, e/ou centros de treinamentos com seus suportes (albergues, campos de treinamentos e vestiários, entre outros); 2) as técnicas de recrutamento e seleção de talentos precoces, que estão cada vez mais sofisticadas em razão da concorrência e dos princípios de organização para o trabalho, que estão articulados a partir dos investimentos econômicos e dos interesses políticos dos clubes ou de empresas; 3) as tecnologias de preparação/treinamento para os jogos e para o exercício da profissão que estão ajustadas conforme a disponibilidade e as exigências do clube; 4) Os ex-jogadores e ou profissionais com diploma universitário; as redes de agenciamentos, implicando toda a ordem de indivíduos que gravitam no entorno dos talentos na expectativa de lucrar; 5) os ganhos milionários aos quais alguns deles têm acesso e 6) as normas legais decorrentes de acordos entre os centros formadores ou impostas a estes pelo Estado, visando disciplinar (ou não) os procedimentos em relação à tutela de menores. Entendo que esses elementos listados por Damo (2005) expressam um panorama geral da estrutura organizacional das categorias de base de futebol, contemplando os diversos aspectos de todo o processo de produção/formação de futebolistas.

Um segundo trabalho sobre as questões estruturais, “Tendência Atual da Detecção, Seleção e Formação de Talentos no Futebol Brasileiro”, de Próspero Brum Paoli e colaboradores, 2008. Do mesmo resgato o seguinte trecho, sobre o processo de formação de jogadores de futebol:

[...] este processo de formação envolve seis fases: a oportunidade, a detecção, a seleção, a promoção, a exposição e a comercialização. Em nossa opinião, elas definem muito bem o processo de desenvolvimento do talento para o futebol atual e muitos clubes lançam mãos dessa estrutura organizacional. (PAOLI, 2008, p. 10)

Uma visão distinta da de Damo (2005), no que concerne a sistematização da estrutura organizacional das categorias de base de futebol. Todavia, alguns pontos são semelhantes ao trabalho citado anteriormente como, por exemplo, as fases de detecção, seleção e comercialização.

No que diz respeito a organização das categorias, os clubes seguem a estrutura definida pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Isto é, as categorias são estruturadas de acordo com as competições internacionais organizadas pela FIFA (PAOLI, 2007).

Contudo, é ressaltado que os clubes buscam cada vez mais priorizar o trabalho de longo prazo, o que gera maior expectativa nos meninos para chegar a categoria profissional. Dessa forma,

Talvez, por este motivo, alguns clubes mantêm em sua estrutura jogadores a partir dos 12 anos de idade. O processo de desenvolvimento do planejamento nas categorias de base, apesar da Lei Pelé, ainda tem priorizado o trabalho de longo prazo. Ou seja, identifica o garoto que reúne as condições necessárias para uma posterior evolução, e o mantém por mais tempo nas categorias de base do clube. (PAOLI, 2007, p. 84)

Já, em relação as faixas etárias das categorias, são divididas em:

Pré-mirim: 12 anos (Sub 12); Mirim: 13 anos (Sub 13); Pré-infantil: 14 anos (Sub 14); Infantil: 15 anos (Sub 15). Já a partir dos Juvenis (Sub 17), os atletas são divididos entre dois anos: 16 e 17 anos. Na categoria Júnior (Sub 20), a divisão é de três anos, correspondendo às idades de 18, 19 e 20 anos. (PAOLI, 2007, p. 88)

Foi essa a divisão mais organizada e mais pormenorizada que encontrei na presente revisão da literatura, acerca da divisão das categorias por faixas etárias. Por fim, fechando a análise sobre as questões estruturais das categorias de base, cito um trecho que julgo captar bem o motivo pelo qual as categorias são distribuídas da maneira exposta na citação anterior. Então: “Esta estruturação por idade e categoria é igual em todos os clubes no Brasil, devido ao fato de possibilitar a realização de competições nacionais, envolvendo as mais diversas regiões e clubes do País.” (PAOLI, 2007, p. 88)

Início o ponto/assunto d) relação com o universo profissional (pais, empresários). Para esclarecer melhor, nesse ponto trato especificamente das expectativas dos pais em relação a profissionalização dos filhos, da presença dos empresários no meio das categorias de base e das chances de se tornar um futebolista profissional. Logo, começo pelos empresários. Uma fala do estudo de Próspero Brum Paoli, “Os Estilos de Futebol e os Processos de Seleção e Detecção de Talentos”, 2007, resume bem o papel que desempenha o empresário na categoria de base de futebol. Segue a fala:

Existe uma dependência dos clubes de uma forma geral, em todas as categorias, da presença dos empresários. Em qualquer competição é comum os observadores técnicos chegarem para garimpar determinado jogador e este já está ligado a um empresário. Muitos clubes hoje entregaram a administração de suas categorias de base para os empresários, porque faltam condições financeiras e estruturais para manutenção da base. Estou para lhe dizer que hoje tem mais empresário que clube no Brasil. (Coordenador Técnico das Categorias de Base). (PAOLI, 2007, p. 76)

Esse trecho não precisa de interpretações muito profundas, pois o empresário assume um papel de centralidade nas categorias de base. Saliento que essa fala é de um coordenador

técnico de um grande clube da primeira divisão do futebol brasileiro. Por questões éticas o autor não identificou os sete clubes que participaram da pesquisa.

Antes de tratar da família mostro outra fala, oposta a anterior e que faz uma pequena menção sobre a relação entre a família dos atletas e os empresários. Segue abaixo:

Esta relação com o empresário é muito bem vinda ao futebol. De uma forma geral, eles ajudam estes garotos, encaminham, amparam as famílias dos atletas. Agora, o Clube tem que ter uma relação profissional com eles. Isso aqui é uma indústria, fábrica de jogadores. Por isso, o empresário tem que cuidar do jogador lá fora. Aqui dentro é com o clube (Coordenador Técnico das Categorias de Base). (PAOLI, 2007, p. 76)

É necessário sublinhar a frase: “Isso aqui é uma indústria, fábrica de jogadores”. Define perfeitamente o caráter profissionalizante da categoria de base. Sendo essa frase advinda de um profissional que atua nesse espaço. Agora, em relação as expectativas familiares, exponho uma passagem da pesquisa de Marques e Samulski, “Análise da Carreira Esportiva de Jovens Atletas de Futebol na Transição da Fase Amadora Para a Fase Profissional: Escolaridade, Iniciação, Contexto Sócio-Familiar e Planejamento da Carreira”, 2009: “A família surge como a principal referência no que diz respeito às expectativas dos atletas com relação ao futebol e ao planejamento de sua carreira. Ajudar a família é o principal anseio destes atletas.” (MARQUES; SAMULSKI, 2009, p. 11). 58, 1% dos atletas entrevistados nesse trabalho responderam que, em relação a expectativa de se tornar um futebolista profissional, o principal desejo é o de ajudar a família. Me arrisco a interpretar que os familiares de jovens atletas de futebol têm o projeto e até mesmo a esperança de que os garotos se tornem profissionais. Visando quem sabe um futuro melhor para toda a família através do sucesso do “prodígio” da família no futebol.

Para entender o papel da legislação – ponto/assunto e) - no meio futebolístico de modo geral e nas categorias de base por consequência, recorro a tese de Próspero Brum Paoli, novamente, “Os Estilos de Futebol e os Processos de Seleção e Detecção de Talentos”, 2007. Refiro-me basicamente ao capítulo de número cinco do mencionado estudo que se denomina “Análise do Fluxo de Jogadores nas Categorias de Base do Futebol”. Seguindo, portanto, o primeiro tópico trata do “Negócio Futebol de Base”. O pensamento inicial, trazido pelo autor, é de que o futebol tornou-se um negócio lucrativo e por essa razão há a exigência de uma gestão profissional. Nestes moldes a negociação de jogadores tem um dos principais papéis como fonte de receita para os clubes, sendo que a formação de atletas nas categorias de base

tem posição de destaque. A fala que exponho abaixo, extraída da pesquisa citada anteriormente, retrata bem essa situação:

Com a Lei Pelé os jogadores das categorias de base passaram a ter um novo tratamento e outro significado. Os clubes estão modificando seus conceitos de futebol para as categorias de base. Os jogadores em formação passam a ter um valor significativo em termos de negócios, patrimônio. Juntos com os associados, torcedores, estrutura física, as categorias de base hoje são os principais patrimônios do clube (Coordenador Técnico das Categorias de Base) (PAOLI, 2007, p. 78)

Os atletas formados nas categorias de base dos clubes de futebol são peças importantes nos negócios dessas instituições (PAOLI, 2007). Fundamentalmente, após a criação da Lei Pelé que – como já expus na introdução – abriu maior espaço para a articulação dos empresários no mercado do futebol profissional, agenciando e, principalmente, realizando negócios de transferência de jovens atletas.

Como fechamento dessa seção, recapitulo os pontos/assuntos vistos. Sobre o primeiro: a) objetivos/propósitos, entendo que, a partir das referências trazidas, as categorias de base de clubes de futebol tem como principal objetivo produzir/formar atletas profissionais de futebol. Tendo como maior meta a venda do atleta formado no mercado futebolístico. A venda de atletas formados em categorias de base é uma ótima fonte de receita para os clubes de futebol profissional. Sobre o segundo ponto/assunto: b) equipe profissional atuante, encontrei – na literatura – uma equipe de trabalho multidisciplinar nas categorias de base de futebol. Buscando dar amparo a todos os aspectos da formação de um futebolista profissional. O terceiro ponto/assunto: c) questões estruturais, percebe-se a organização de estrutura física (campos de treinamento, albergues e etc.), bem como a parte que lida com a gestão propriamente, a estrutura organizacional. As fases do processo de formação: detecção, seleção, comercialização e a divisão das categorias por faixas etárias são exemplos dessa organização do processo de formação/produção de jogadores de futebol. Continuando, o ponto/assunto d): relação com o universo profissional (empresários, pais). Os primeiros ganhando terreno no meio do futebol profissional, fazendo sua presença cada vez mais imprescindível para que a dinâmica do mercado do futebol siga a todo vapor e, também, das categorias de base e toda a questão mercadológica que a envolve. A relação dos empresários com a família dos atletas, dando suporte financeiro; e o maior desejo dos jovens aspirantes a futebolista profissional: ajudar a família. Finalmente, o ponto/assunto e): legislação, a Lei Pelé e o fim do passe, os clubes já não têm domínio sobre os direitos econômicos jogadores de futebol. Maior liberdade para os empresários, maiores oportunidades de negociações,

maiores possibilidades de produzir um produto e vendê-lo no lucrativo mercado do futebol: os jovens atletas formados nas categorias de base.

4 GESTÃO DAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO FUTEBOLÍSTICA

Antes de iniciar esta parte da análise e discussão, esclareço o porquê da minha escolha pelo termo “Escolas de Iniciação Futebolística”. Na literatura encontra-se o uso do termo escolinha basicamente. Escolho a expressão supracitada por uma razão: entendo que o termo “escolinha” traz consigo um juízo de valor, o de que a escolinha é menor, menos importante, ou não possui tanta seriedade como a categoria de base. Por essa razão adoto a expressão “Escola de Iniciação Futebolística”, por compreender que essa realiza um trabalho diferenciado das categorias de base, mas não menos importante. Também utilizarei – como variação – escolinha com aspas.

O que seria, portanto uma “Escola de Iniciação Futebolística” ou “Escolinha” de Futebol, como aparece na literatura? Conforme sugere o nome, é um espaço de iniciação ao futebol fundamentalmente, sendo o local onde crianças e jovens aprendem os principais fundamentos e técnicas básicas para a prática organizada do futebol; onde se aprende a jogar futebol (SCAGLIA, 1996; RODRIGUES, 2003; RODRIGUES, 2007; THIENGO, 2011; DE PAULA, 2013).

Agora – iniciando a análise e discussão de fato – o ponto/assunto a) objetivos/propósitos. Começo pelo trabalho de Francisco Xavier Freire Rodrigues “A Formação do Jogador de Futebol no *Sport Club* Internacional (1997-2002)”, de 2003. Sobre o objetivo das “escolinhas” de futebol o autor afirma que:

O objetivo do trabalho realizado na escolinha é proporcionar ao jovem atleta uma educação técnica e tática, a internalização de esquemas e formas de jogar, bem como a preparação do corpo. Este é submetido à manipulações e correções por parte de preparadores físicos e técnicos. Tais profissionais corrigem o corpo do jogador, disciplinando-o. A preparação física é importante na formação do atleta, consiste também num ensinamento. (RODRIGUES, 2003, p.104)

Ainda, coloca que “De fato, pode-se assegurar que a escolinha de futebol é uma instituição disciplinadora, dotada de mecanismos que adestram o corpo do garoto iniciante no futebol”. (RODRIGUES, 2003, p. 104). Uma visão bastante técnica do processo de iniciação.

Outro estudo, e, nesse caso, tratando dos objetivos das famílias ao colocarem seus filhos numa “escolinha” de futebol. Segue a abaixo um trecho retirado do estudo:

[...] os objetivos das famílias ao matricularem seus filhos são inúmeros podendo variar desde a necessidade de uma atividade física para o

desenvolvimento psicomotor da criança até a satisfação do próprio desejo dos pais em ver seu filho envolvido com atividades relacionadas ao futebol. (DE PAULA, 2013, p. 51)

Finalizando o primeiro ponto/assunto, apresento a pesquisa realizada por Alcides José Scaglia, “Escolinha de Futebol: Uma Questão Pedagógica”, do ano de 1996. O trabalho teve como um de seus objetivos apresentar as experiências da escolinha de futebol da UNICAMP. Logo, a citação que trago a seguir trata do trabalho realizado nessa escolinha de futebol. Segue o texto:

Portanto, como já foi ressaltado, este trabalho tem por objetivo imediato, como quaisquer outras escolinhas de futebol, ensinar as crianças a jogar futebol, mas, a longo prazo, fornecer subsídios para que estas se tornem mais autônomas e críticas, ocasionando uma transformação nas suas vidas, ou seja, através do ensino de um esporte, no nosso caso, futebol, tem se ressaltado e resgatado os valores educativos que serão incorporados à aprendizagem do futebol e seus fundamentos. (SCAGLIA, 1996, p. 3)

De igual maneira o autor defende uma abordagem global do processo de ensino-aprendizagem, buscando, também, romper com a lógica da especialização precoce. De modo que os iniciantes possam aprender a jogar futebol, mas sem se ter a necessidade da busca por uma alta performance no esporte.

Dou abertura, neste momento, ao próximo item de análise e discussão: b) equipe profissional atuante. O primeiro estudo que exponho é o de Francisco Xavier Freire Rodrigues que aborda a formação de atletas no *Sport Club* Internacional e já foi citado anteriormente. No que diz respeito aos profissionais que atuam na escolinha de futebol, o trabalho não faz uma referência direta a esse assunto. Entretanto, citam a figura de treinadores e preparadores físicos, como aparece nesse trecho:

Este é submetido à manipulações e correções por parte de preparadores físicos e técnicos. Tais profissionais corrigem o corpo do jogador, disciplinando-o. (RODRIGUES, 2003, p. 104)

Continuando, no estudo de Moraes e colaboradores, intitulado: “Formação e Ações de Treinadores de Escolinhas de Futebol Para Crianças na Faixa Etária Entre 6 e 12 anos”, de 2010, é mencionada somente a figura do treinador. Segue a passagem que fala sobre os “recursos disponíveis para o treinamento”:

Os recursos são divididos em humanos e materiais. Recursos humanos são treinadores capacitados para exercer a função de orientação do futuro atleta. Ou seja, o treinador deve ter uma pedagogia apropriada à faixa etária de ensino e, principalmente saber quais as necessidades do atleta desde a infância até a fase adulta. (MORAES *et al.*, 2010, p. 4)

Nota-se que os funcionários restringem-se a figura do treinador. O terceiro e último estudo que trata dessa temática, de José Alcides Scaglia, que também já foi citado. Nesse trabalho aparecem dois profissionais: o professor e o monitor. Destaco repetidamente que essa pesquisa relata algumas experiências na escolinha de futebol da UNICAMP. Assim sendo, resgato uma parte do texto que fala sobre os profissionais que atuam na escolinha:

Os professores, além de uma reunião para planejamento das aulas, semanalmente ocorre uma reunião pedagógica com o Prof. João Batista Freire, onde são lidos e discutidos alguns textos pedagógicos e também são avaliadas as aulas da semana. Portanto, os professores e monitores da escolinha têm os seus trabalhos constantemente supervisionados e amparados pelas teorias. (SCAGLIA, 1996, p. 3)

Dando prosseguimento a análise e discussão, agora o ponto/assunto c) questões estruturais. De antemão declaro que encontrei poucos trabalhos que tratavam especificamente da estrutura e organização das “escolinhas” de futebol. As poucas informações que obtive exponho a seguir. Num estudo de José Alcides Scaglia – mencionado previamente – o autor apenas relata que a “escolinha” de futebol da UNICAMP possui aproximadamente 100 alunos de diferentes faixas etárias, não especifica categorias e outras questões. O único dado mais detalhado, que é apresentado, é sobre os materiais utilizados nas aulas. Segue a baixo um fragmento extraído do texto:

Para o desenvolvimento das aulas os professores têm à sua disposição, bolas, bolas de borracha, arcos, cones, cordas, e também alguns materiais que são confeccionados pelos próprios alunos, como: bolas de meia de vários tamanhos, alvos de latas, cones de refrigerantes descartáveis, entre outros que surgem da criatividade dos professores e alunos. (SCAGLIA, 1996, p. 3)

Um outro estudo que aborda de maneira concisa as questões estruturais é o de Luiz Carlos de Couto Albuquerque Moraes e colaboradores, também citado num momento anterior. O trabalho fala – de modo particular – de algumas limitações estruturais. Sendo afirmado na conclusão que “As escolinhas de futebol analisadas ainda não atingiram um grau satisfatório, do ponto de vista dos recursos materiais comparados à estrutura ideal de treinamento.” (MORAES, 2010, p. 13). As “escolinhas” investigadas foram as da região Centro-Sul da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais.

Prosseguindo, depois disso, o ponto/assunto d) relação com o universo profissional (empresários, pais). Concernente a profissionalização, exponho uma passagem da pesquisa de Rodrigues (2003) – autor e obra já referidos – onde é bem resumida toda a interface que uma “escolinha” de futebol faz com o meio profissional desse esporte. Nesse caso a “escolinha” analisada é a do *Sport Club* Internacional, segue o texto abaixo:

As escolinhas de futebol são locais onde se ensina a jogar futebol, de preparação e seleção de talento para o futebol profissional, de produção social do corpo dos atletas, mediante um conjunto de treinamentos. As escolinhas também são espaços de lazer, de construção e manutenção da forma do corpo de garotos, não necessariamente interessados na profissão de jogador de futebol. Isso fica evidente quando se percebe que podem participar de escolinha mesmo garotos com biótipo totalmente inaceitável para o futebol, gordinhos, baixinhos. Estes estão ali porque pagam suas mensalidades. A escolinha, mesmo de grandes times profissionais, tem também um papel educativo. Por exemplo, no caso da escolinha de futebol do SC Internacional, o ex-coordenador técnico Medina assegura que os trabalhos para determinada faixa etária (de 10 a 13 anos) é essencialmente educativo, tendo por objetivo fortalecer o corpo, a saúde e a questão profissional seria consequência do desenvolvimento e detecção de talentos nos garotos desta idade. Não se trabalha na perspectiva de que todos os atletas matriculados na escolinha se tornarão profissionais do futebol, apenas poucos têm talento para tal. A seletividade da escolinha tende a apontar para uma proporção de um jogador profissional para cada 3, 4 ou 5 mil atletas que tentam as escolinhas. (RODRIGUES, 2003, p. 107-108)

Ainda no mesmo trabalho, apresento a questão mais empresarial da “escolinha”, mais entrelaçada a uma visão de negócios. Pode-se observar isso no seguinte trecho:

As escolinhas de futebol podem ser entendidas como “modalidade empresarial”. Trata-se de uma consequência do processo de profissionalização vigente no futebol. Por volta dos anos 90, os grandes clubes nacionais investiram pesadamente em escolinhas, criando novas e aumentando a infraestrutura, pois isso se tornou um negócio rentável. Além dos lucros diretos, a escolinha tem possibilidade de formar jogadores para os clubes e para outros, bem como expandir a marca do time (TOLEDO, 2002, p. 89 *apud* RODRIGUES, 2003, p. 108).

Acerca do envolvimento das famílias, De Paula (2013) relata o seguinte na sua dissertação:

No entanto, para que esses meninos cheguem ao clube, a família faz um alto investimento com viagens, passagem, hospedagem sendo que a maioria não obtém retorno e o ônus acaba recaindo sobre o treinador. Além do dinheiro, toda uma expectativa é gerada desnecessariamente. Dessa forma, o treinador entende que vale mais a pena oferecer “um algo a mais na escolinha”, para além do futebol e não desprezar os meninos que não têm condições de tornarem-se atletas profissionais. (DE PAULA, 2013, p. 69)

Analisando brevemente essa passagem, percebe-se que o treinador da “escolinha” preocupa-se em oferecer espaço mesmo para aqueles garotos que não possuem os atributos para se tornarem jogadores de futebol profissional. Busca-se, desse modo, não frustrar o investimento que os familiares fazem para manter seus filhos praticando o futebol.

Encerrando este ponto/assunto, no mesmo estudo o autor faz uma afirmação interessante sobre a escolinha, família e o universo profissional do futebol, dizendo que: “A escolinha, portanto, acaba sendo um espaço que se propõe educativo e direcionado para o

lazer e a integração familiar, mas também está permeado pelo ambiente de competitividade inerente à carreira de jogador de futebol.” (DE PAULA, 2013, p. 72).

A respeito do último item de análise e discussão desta seção, e) legislação, não encontrei nenhum estudo que trate da questão ligada diretamente as escolas de iniciação futebolística. A Lei Pelé, assim como nas categorias de base, pode influenciar de maneira indireta nas relações comerciais, especialmente, das escolas de iniciação. Saliento que essa não é uma relação de causa e efeito. Entretanto, mesmo que de forma indireta, a Lei Pelé pode acabar influenciando em alguns aspectos de cunho comercial das escolas de iniciação. Sobretudo, pela liberdade com que a classe empresarial transita pelo meio futebolístico. Como aparece nessa passagem:

[...] o fim da “lei do passe” abre espaço para especuladores de “jovens talentos”: empresários fazendo investimentos em grande escala na formação de jogadores através das escolinhas de futebol. Por meio delas, são recrutados crianças e adolescentes seduzidos por propostas as quais, em sua maioria, têm poucas possibilidades de concretização. A construção de um imaginário de ascensão social age não deixando transparecer a forma precária em que vive a maioria dos que investem nessa carreira. São poucos aqueles que atingem os grandes salários divulgados pela mídia. Em decorrência disso, crianças e adolescentes são utilizados como instrumento de especulação financeira de grupos empresariais. (DE PAULA, 2013, p. 32)

Para fechar a segunda parte da análise e discussão, retomo os pontos/assuntos vistos. Primeiro, objetivos/propósitos da escola de iniciação futebolística. Compreendo que as escolas de iniciação futebolística possuem vários objetivos. Não é tão unilateral quanto a categoria de base que tem como prioridade, basicamente, a formação de atletas de futebol profissional. Nas “escolinhas” uma perspectiva mais ampla é adotada, pode-se formar o atleta de alto rendimento, pode-se buscar o lazer pela prática do futebol ou também ser uma questão de saúde, fazer um exercício físico. Sobre o segundo item, equipe profissional atuante, a figura do treinador é que aparece na literatura como o profissional que intervém nas “escolinhas”. A equipe multidisciplinar não se faz presente nesse caso. Pelo menos conforme o que encontrei nessa revisão sistemática. Referente ao terceiro item de análise, questões estruturais, poucas informações também. Nenhum estudo que aborda-se de maneira específica a estrutura organizacional das escolas de iniciação futebolística. Já, em relação ao universo profissional, algumas informações interessantes foram encontradas. A diversidade do público que busca os serviços das “escolinhas” de futebol é um exemplo. Algo que tem ligação com os objetivos, citados anteriormente. De modo que, sim, é possível que surja um jogador profissional a partir das escolas de iniciação, todavia, com chances muito remotas como

demonstra Rodrigues (2003). Enfim, o investimento dos pais para manter seus filhos nas “escolinhas”. Investimento esse que – por muitas vezes – não oferece o retorno esperado. O último ponto, a questão legislativa, assim como em outros assuntos, poucas informações foram encontradas na literatura. Apenas sobre a Lei Pelé que acaba influenciando de maneira indireta na criação de escolas de iniciação por empresários e clubes que buscam, de modo secundário, formar atletas. O primordial nesse caso é divulgar a marca da instituição, além de ser um negócio rentável.

5 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

A partir deste momento dou início a última parte da análise e discussão. A dinâmica a ser seguida é a de discorrer sobre as aproximações e distanciamentos entre categoria de base e escolas de iniciação futebolística, fundamentalmente no que diz respeito a gestão. Deste modo, pretendo analisar ponto por ponto as aproximações e distanciamentos, como fiz nas seções anteriores. Tendo como embasamento, naturalmente, a literatura, os estudos selecionados para o presente trabalho. Seguem os pontos/assuntos de análise, portanto, nos próximos parágrafos.

Iniciando, sobre os objetivos/propósitos, resgato algumas citações para depois comentar. Sobre os objetivos das categorias de base resgato primeiramente o trabalho de Rodrigo Machado Cruz, “A Formação de Atletas de Futebol: um Estudo na Categoria Sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte MG”, de 2008. Neste trabalho o autor apresenta a fala de um treinador que apresenta de forma clara e objetiva os propósitos de um grande clube do futebol brasileiro. Os objetivos do clube, segundo o treinador entrevistado, seriam: “Formar atletas para servirem a equipe profissional e para venda aos clubes estrangeiros de maior expressão”. Essa fala aparece na página 2 do referido estudo. Ainda sobre os objetivos/propósitos das categorias de base, no estudo de Antonio Jorge Gonçalves Soares e colaboradores, “Jogadores de Futebol no Brasil: Mercado, Formação de Atletas e Escola”, temos o seguinte relato:

Melo (2010) indica que a carga horária que esses atletas em formação dedicam ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola. O mesmo estudo indica que o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais, portanto, em termos práticos a carga horária de dedicação de adultos e aspirantes a atletas é a mesma. Como visto, a carga horária de treinos para formar um atleta é alta. (SOARES *et al.*, 2011, p. 9-10)

Agora, recupero citações sobre os objetivos das escolas de iniciação futebolística. Segue a primeira referência:

O objetivo do trabalho realizado na escolinha é proporcionar ao jovem atleta uma educação técnica e tática, a internalização de esquemas e formas de jogar, bem como a preparação do corpo. Este é submetido à manipulações e correções por parte de preparadores físicos e técnicos. Tais profissionais corrigem o corpo do jogador, disciplinando-o. A preparação física é importante na formação do atleta, consiste também num ensinamento. (RODRIGUES, 2003, p.104)

Uma segunda passagem:

[...] os objetivos das famílias ao matricularem seus filhos são inúmeros podendo variar desde a necessidade de uma atividade física para o desenvolvimento psicomotor da criança até a satisfação do próprio desejo dos pais em ver seu filho envolvido com atividades relacionadas ao futebol. (DE PAULA, 2013, p. 51)

E, por fim, uma terceira sobre os propósitos das “escolinhas” de futebol:

Portanto, como já foi ressaltado, este trabalho tem por objetivo imediato, como quaisquer outras escolinhas de futebol, ensinar as crianças a jogar futebol, mas, a longo prazo, fornecer subsídios para que estas se tornem mais autônomas e críticas, ocasionando uma transformação nas suas vidas, ou seja, através do ensino de um esporte, no nosso caso, futebol, tem se ressaltado e resgatado os valores educativos que serão incorporados à aprendizagem do futebol e seus fundamentos. (SCAGLIA, 1996, p. 3)

Começo pelas aproximações dos objetivos das categorias de base de futebol e das escolas de iniciação futebolística. Nesse item não percebo muitas aproximações. Entendo que as categorias de base dos clubes de futebol têm o propósito claro de formar atletas de alto rendimento enquanto que as escolas de iniciação possuem distintos objetivos. De modo que esta última abarca não só questões meramente técnicas na formação – mesmo que aborde como afirma Rodrigues (2003) – mas buscar, por outro lado, questões educativas e dar conta dos diversos objetivos dos pais que matriculam seus filhos nesse espaço (SCAGLIA, 1996; DE PAULA, 2013). Logo, no que se refere ao primeiro ponto de análise (objetivos/propósitos) compreendo que não existem grandes relações entre a categoria de base e a escola de iniciação futebolística. Encerrando – e já entrando nos distanciamentos – entendo que a categoria de base busca de modo unilateral a profissionalização ao passo que a escola de iniciação é multilateral, não busca uma via única. Enfim, compreendo que o gerenciamento destes dois diferentes espaços exigem de igual maneira distintas ações no que concerne as decisões administrativas. Tudo isso, apoiando-se nas particularidades do público e dos propósitos que fazem parte e constituem as categorias de base de futebol e as escolas de iniciação.

Continuando, o ponto/assunto b): equipe profissional atuante. Início, novamente, pelas categorias de base. Retomo Rodrigo Machado Cruz, “A Formação de Atletas de Futebol: um Estudo na Categoria Sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte MG”, de 2008. Segundo o autor, os profissionais que atuam nas categorias de base do Cruzeiro Esporte Clube de Belo Horizonte são: Treinador, Fisiologista, Preparador Físico, Nutricionista, Fisioterapeuta, Assistente Social, Massoterapeuta, Dentista, Psicólogo, Preparador de Goleiros, Médicos e enfermeiros. Também, Santos (2009 *apud* THIENGO, 2011, p. 71):

[...] a racionalização proposta para o futebol, pela introdução de novas tecnologias e saberes, com a inserção de profissionais de diversas áreas (Fisiologia, Nutrição, Psicologia, Fisioterapia, entre outros), no contexto da formação do futebolista brasileiro foi um processo de racionalização à brasileira, onde os métodos científicos acabaram sendo ressignificados, passando a dialogar com o modelo predominante de formação de futebolistas, baseado na concepção inata do desempenho esportivo.

Nesse momento, resgato citações sobre a equipe profissional atuante nas “escolinhas”.

Trago duas citações do mesmo modo. Segue a primeira:

Os recursos são divididos em humanos e materiais. Recursos humanos são treinadores capacitados para exercer a função de orientação do futuro atleta. Ou seja, o treinador deve ter uma pedagogia apropriada à faixa etária de ensino e, principalmente saber quais as necessidades do atleta desde a infância até a fase adulta. (MORAES *et al.*, 2010, p. 4)

Agora a segunda:

Os professores, além de um reunião para planejamento das aulas, semanalmente ocorre uma reunião pedagógica com o Prof. João Batista Freire, onde são lidos e discutidos alguns textos pedagógicos e também são avaliadas as aulas da semana. Portanto, os professores e monitores da escolinha têm os seus trabalhos constantemente supervisionados e amparados pelas teorias. (SCAGLIA, 1996, p. 3)

Em relação às aproximações, percebe-se a figura do treinador em ambos os espaços. A respeito dos distanciamentos, um basicamente: a equipe de trabalho multidisciplinar. Nas categorias de base tem-se a ideia clara de que são variados os profissionais que trabalham nesse contexto. No entanto, nas escolas de iniciação vê-se – ou pelo menos como que foi encontrado nessa revisão sistemática - apenas a figura do treinador como o profissional que intervém diretamente com os integrantes das “escolinhas”. Em outras palavras, não há a referência a uma equipe multidisciplinar que atenda aos participantes das “escolinhas” o que, por outro lado, está evidenciado nas categorias de base.

Avanço para o terceiro item: c) questões estruturais. Utilizando a mesma dinâmica, apresento trechos dos estudos que falam sobre a estrutura das categorias de base. Sigo para o primeiro trabalho, de Damo (2005, p.14 *apud* PAOLI, 2007, p.68) que aponta alguns elementos que fazem parte do processo de formação de atletas de futebol. São eles: 1) os espaços físicos, denominados de centros de formação, e/ou centros de treinamentos com seus suportes (albergues, campos de treinamentos e vestiários, entre outros); 2) as técnicas de recrutamento e seleção de talentos precoces, que estão cada vez mais sofisticadas em razão da concorrência e dos princípios de organização para o trabalho, que estão articulados a partir dos investimentos econômicos e dos interesses políticos dos clubes ou de empresas; 3) as

tecnologias de preparação/treinamento para os jogos e para o exercício da profissão que estão ajustadas conforme a disponibilidade e as exigências do clube; 4) Os ex-jogadores e ou profissionais com diploma universitário; as redes de agenciamentos, implicando toda a ordem de indivíduos que gravitam no entorno dos talentos na expectativa de lucrar; 5) os ganhos milionários aos quais alguns deles têm acesso e 6) as normas legais decorrentes de acordos entre os centros formadores ou impostas a estes pelo Estado, visando disciplinar (ou não) os procedimentos em relação à tutela de menores. Uma segunda citação agora:

[...] este processo de formação envolve seis fases: a oportunização, a detecção, a seleção, a promoção, a exposição e a comercialização. Em nossa opinião, elas definem muito bem o processo de desenvolvimento do talento para o futebol atual e muitos clubes lançam mãos dessa estrutura organizacional. (PAOLI, 2008, p. 10)

Enfim, uma terceira referência que fala sobre as faixas etárias das categorias:

Pré-mirim: 12 anos (Sub 12); Mirim: 13 anos (Sub 13); Pré-infantil: 14 anos (Sub 14); Infantil: 15 anos (Sub 15). Já a partir dos Juvenis (Sub 17), os atletas são divididos entre dois anos: 16 e 17 anos. Na categoria Júnior (Sub 20), a divisão é de três anos, correspondendo às idades de 18, 19 e 20 anos. (PAOLI, 2007, p. 88)

Partindo para as escolas de iniciação futebolística, exponho o primeiro trabalho:

Para o desenvolvimento das aulas os professores têm à sua disposição, bolas, bolas de borracha, arcos, cones, cordas, e também alguns materiais que são confeccionados pelos próprios alunos, como: bolas de meia de vários tamanhos, alvos de latas, cones de refrigerantes descartáveis, entre outros que surgem da criatividade dos professores e alunos. (SCAGLIA, 1996, p. 3)

Cito também Moraes e colaboradores (2010). O trabalho desses estudiosos fala – em especial – de algumas limitações estruturais. Sendo afirmado na conclusão que “As escolinhas de futebol analisadas ainda não atingiram um grau satisfatório, do ponto de vista dos recursos materiais comparados à estrutura ideal de treinamento.” (MORAES, 2010, p. 13). As escolas de iniciação investigadas localizam-se na da região Centro-Sul da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais.

Analisando as questões estruturais compreendo duas questões. A primeira é que as categorias de base – conforme encontrado na literatura – parece apresentar questões estruturais melhor definidas quando comparadas as escolas de iniciação, sobretudo em relação a organização que as categorias de base apresentam por faixas etárias bem delimitadas e padronizadas conforme a CBF. Referente as escolas de iniciação não achei suporte na literatura que tratem desse ponto específico de estruturação e organização. A segunda questão é sobre a estrutura organizacional de todo o processo de formação de atletas. Para as

categorias de base encontrei dois trabalhos que apresentavam uma sistematização desse processo, para as “escolinhas” não. Suponho que isso aconteça em função de que a categoria de base me parece ser um ambiente mais estudado com profundidade do que as escolas de iniciação futebolística. Localizei poucos trabalhos que tratam especificamente de escolas de iniciação. Portanto, mais uma vez, visualizo mais distanciamentos do que aproximações entre categorias de base e escolas de iniciação futebolística. Ressalto que minha perspectiva parte da revisão da literatura.

Dando prosseguimento, agora analiso o item d) relação com o universo profissional (empresários, pais). De novo, apresento algumas passagens para depois fazer um comentário geral. Então, o primeiro trecho sobre as categorias de base e a relação com o universo profissional:

Existe uma dependência dos clubes de uma forma geral, em todas as categorias, da presença dos empresários. Em qualquer competição é comum os observadores técnicos chegarem para garimpar determinado jogador e este já está ligado a um empresário. Muitos clubes hoje entregaram a administração de suas categorias de base para os empresários, porque faltam condições financeiras e estruturais para manutenção da base. Estou para lhe dizer que hoje tem mais empresário que clube no Brasil. (Coordenador Técnico das Categorias de Base). (PAOLI, 2007, p. 76)

Segunda citação:

Esta relação com o empresário é muito bem vinda ao futebol. De uma forma geral, eles ajudam estes garotos, encaminham, amparam as famílias dos atletas. Agora, o Clube tem que ter uma relação profissional com eles. Isso aqui é uma indústria, fábrica de jogadores. Por isso, o empresário tem que cuidar do jogador lá fora. Aqui dentro é com o clube (Coordenador Técnico das Categorias de Base). (PAOLI, 2007, p. 76)

E, ao final, uma terceira referência, “A família surge como a principal referência no que diz respeito às expectativas dos atletas com relação ao futebol e ao planejamento de sua carreira. Ajudar a família é o principal anseio destes atletas.” (MARQUES; SAMULSKI, 2009, p. 11).

A partir de então exponho trechos de pesquisas que falam sobre as “escolinhas” de futebol e sua relação com o universo profissional do futebol. Começando, “A seletividade da escolinha tende a apontar para uma proporção de um jogador profissional para cada 3, 4 ou 5 mil atletas que tentam as escolinhas.” (RODRIGUES, 2003, p. 107-108). Agora um segundo trecho:

As escolinhas de futebol podem ser entendidas como “modalidade empresarial”. Trata-se de uma consequência do processo de profissionalização vigente no futebol. Por volta dos anos 90, os grandes clubes nacionais investiram pesadamente em escolinhas, criando novas e

aumentando a infraestrutura, pois isso se tornou um negócio rentável. Além dos lucros diretos, a escolinha tem possibilidade de formar jogadores para os clubes e para outros, bem como expandir a marca do time (TOLEDO, 2002, p. 89 *apud* RODRIGUES, 2003, p. 108).

Para fechar, um último estudo:

No entanto, para que esses meninos cheguem ao clube, a família faz um alto investimento com viagens, passagem, hospedagem sendo que a maioria não obtém retorno e o ônus acaba recaindo sobre o treinador. Além do dinheiro, toda uma expectativa é gerada desnecessariamente. Dessa forma, o treinador entende que vale mais a pena oferecer “um algo a mais na escolinha”, para além do futebol e não desprezar os meninos que não têm condições de tornarem-se atletas profissionais. (DE PAULA, 2013, p. 69)

Analisando as citações observo que tanto nas categorias de base quanto nas escolas de iniciação existe a questão profissionalizante. Ao mesmo tempo em que isso assume um caráter de similaridade se distancia na medida em que as chances de um menino, que frequenta uma escola de iniciação, se tornar um jogador de futebol profissional é muito pequena como afirma Rodrigues (2003). Outra semelhança é a lógica empresarial que envolve os dois ambientes. Nas escolas de iniciação – como atesta Toledo (2002) – essa lógica é a investidora e criadora das “escolinhas”. A “escolinhas”, como diz o autor, é uma alternativa rentável, proveitosa para os clubes de futebol, dado que permite divulgar a marca da instituição, gera lucros (através das mensalidades pagas pelos alunos/atletas especialmente) e também cria possibilidade de formar atletas. No entanto, quando trata-se da presença dos empresários, as escolas de iniciação não possuem uma ligação tão direta quanto as categorias de base. O empresário é peça central na lógica de mercado que permeia a categorias de base. Outra semelhança entre categorias de base e escolas de iniciação é o comparecimento da família. Nas categorias de base a família recebe apoio dos empresários (PAOLI, 2007) e aparece como principal referência para os meninos buscarem a profissionalização no futebol, tendo o propósito de ajudar a família. Nas escolinhas os pais investem para que seus filhos permaneçam frequentando os treinos, todavia têm expectativas variadas não somente de buscar a profissionalização dos seus filhos no futebol (DE PAULA, 2013). Encerrando esse ponto, percebe-se que as aproximações e distanciamentos se confundem nesse aspecto da profissionalização. É uma temática que abrange tanto as categorias de base quanto as escolas de iniciação de modo significativo.

Como fechamento dessa seção do trabalho, analiso o ponto e) legislação. Apresento desse modo dois trechos que tratam sobre essa temática. O primeiro relacionado a legislação

nas categorias de base e o segundo fazendo relação com as escolas de iniciação. Segue o primeiro:

Com a Lei Pelé os jogadores das categorias de base passaram a ter um novo tratamento e outro significado. Os clubes estão modificando seus conceitos de futebol para as categorias de base. Os jogadores em formação passam a ter um valor significativo em termos de negócios, patrimônio. Juntos com os associados, torcedores, estrutura física, as categorias de base hoje são os principais patrimônios do clube (Coordenador Técnico das Categorias de Base) (PAOLI, 2007, p. 78)

A seguir a segunda citação, sobre as “escolinhas”:

[...] o fim da “lei do passe” abre espaço para especuladores de “jovens talentos”: empresários fazendo investimentos em grande escala na formação de jogadores através das escolinhas de futebol. Por meio delas, são recrutados crianças e adolescentes seduzidos por propostas as quais, em sua maioria, têm poucas possibilidades de concretização. (DE PAULA, 2013, p. 32)

A respeito das semelhanças, é evidente a relevância da Lei Pelé. Em ambos os casos essa Lei teve grande influência nos processos que acontecem tanto nas categorias de base quanto nas escolas de iniciação. Sobretudo, no que concerne a questões de mercado, econômicas. Nos dois espaços formativos tem-se os empresários agindo fortemente. Num dos espaços o fim da “lei do passe” incentivou o aumento do fluxo de transações, negócios (categorias de base fundamentalmente) e noutro alavancou a própria criação como boa fonte de renda e divulgação da marca (escolas de iniciação). Em suma, destaca-se, nesse ponto, a livre circulação e articulação dos empresários em ambos os ambientes. Finalizando, percebo nesse último ponto/assunto mais aproximações do que distanciamentos. Uma pequena diferença que pode ser observada é a da atuação dos empresários, ora agindo diretamente com os atletas e a família dos mesmos; relação mais próxima (categorias de base), ora articulando-se mais nos bastidores, como investidores (escolas de iniciação); como afirma De Paula (2013). Tendo concluído esse ponto/assunto e essa seção como um todo, prossigo para as considerações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Principiando as considerações, retomo o problema de pesquisa e o objetivo do presente estudo. O problema de pesquisa foi o seguinte: Quais as diferenças e as relações apontadas na literatura, a respeito da estrutura organizacional e de gestão, entre as chamadas “categorias de base” e as “escolas de iniciação” futebolísticas? De maneira similar o objetivo da pesquisa foi: analisar quais as diferenças e as relações apontadas na literatura, a respeito da estrutura organizacional e de gestão, entre as chamadas “categorias de base” e as “escolas de iniciação” futebolísticas. Para responder essas questões, listei cinco pontos/assuntos que fazem parte do processo de gestão, da estrutura organizacional, de modo geral. A partir desses cinco itens busquei responder o problema de pesquisa.

Começando pelo primeiro ponto/assunto objetivos/propósitos, percebi poucas aproximações/relações entre as categorias de base e as escolas de iniciação futebolística apontadas na literatura. O principal nesse item são os distanciamentos/diferenças. As categorias de base têm como objetivo claro a profissionalização no futebol. As escolas de iniciação também buscam a profissionalização, mas não é o foco principal. Existem diversos objetivos nas escolas de iniciação além da profissionalização, conforme a literatura ressaltou. Sobre o ponto b) equipe profissional atuante, a figura do treinador, naturalmente, é citada nos trabalhos selecionados em ambos os espaços. É, basicamente, a única aproximação/relação que encontrei nesse assunto. A diferença/distanciamento fica por conta da equipe multidisciplinar que aparece em alguns estudos nas categorias de base. Não há referência desse tipo de equipe profissional atuando nas escolas de iniciação. Referente ao ponto c) questões estruturais, não encontrei muitas aproximações/relações entre as “escolinhas” e as categorias de base na literatura. A diferença/distanciamento é visível na estrutura organizacional propriamente das categorias de base para as escolas de iniciação. As categorias de base apresentam uma estrutura bem definida na literatura (fases do processo de formação, divisão de categorias por faixas etárias) enquanto que as escolas de iniciação não apresentam referências sobre este tema. No ponto d) relação com o universo profissional, aparece a relação/aproximação entre os dois espaços formativos no que diz respeito a busca pela profissionalização. Ambos os espaços têm a intenção de formar atletas de alto rendimento e formam, todavia – nas escolas de iniciação – a probabilidade é muito remota de se formar um atleta profissional. A família tem papel importante nos dois locais. Na escola de iniciação os familiares têm expectativas e objetivos diversos em relação a vivência de seus filhos nesse

espaço. Nas categorias de base as famílias são o principal incentivo para os meninos buscarem a profissionalização, com o intuito de ajudá-los financeiramente sobretudo. Além disso, recebem o amparo dos empresários, uma diferença. Os empresários por sua vez constituem um outro distanciamento. Nas escolas de iniciação parecem não agir diretamente com os participantes desse espaço. São apenas investidores nas “escolinhas”. Já, nas categorias de base, atuam diretamente com os meninos e suas famílias. Por fim, o último ponto/assunto: ponto e) legislação. A Lei Pelé é o ponto de intersecção entre as categorias de base e as escolas de iniciação. Sobretudo porque influi de maneira decisiva na articulação livre dos empresários nesses dois meios. Referente a distanciamentos/diferenças, não encontrei nenhuma informação significativa na literatura.

Como último movimento, compreendo – tendo como base a revisão da literatura e as leituras – que a gestão das categorias de base e das escolas de iniciação futebolística são diferenciadas. Apresentam semelhanças, mas mais distanciamentos. Resumidamente, entendo que a categoria de base é um espaço, fundamentalmente, profissionalizante. Em contrapartida, a escola de iniciação – como diz o nome – trata principalmente da iniciação ao esporte. Suponho que essa diferença básica ocasione diferenças nos modos de gerir e atuar nesse meio. Entretanto, apesar dessas colocações, saliento as limitações do estudo. Todos apontamentos feitos foram com base na revisão sistemática realizada nesse trabalho. Portanto, para se obter informações mais completas e fidedignas, entendo que seja necessário o cruzamento desse material teórico com o material empírico – que não fez parte da presente pesquisa. Ainda assim, surgem algumas reflexões a partir do material teórico. A primeira delas é em relação a uma possível inversão de lógica de mercado. Vejamos, conforme li nas referências pesquisadas, os meninos integrantes das categorias de base acabam assumindo o papel de produtos do mercado futebolístico. São formados para serem vendidos posteriormente. Já nas escolas de iniciação, os meninos(as) que integram esse espaço pagam uma taxa mensal para aprender a jogar futebol. Desse modo pode-se entender que compram um produto: o do ensino do futebol, ou os saberes do futebol institucionalizado. Logo, entendo que nesse caso os meninos(as) assumem o posto de clientes, e o produto nesse caso é o futebol. Então, nesse ponto se encontra uma possível inversão da lógica de mercado: o aluno/atleta, quando está na categoria de base, figura como produto nesse meio; por outro lado, quando está na “escolinha”, assume o posto de cliente. Destaco que essa é apenas uma hipótese que emergiu a partir das leituras e reflexões sobre o objeto estudado. Espero ter contribuído de alguma maneira para o avanço da pesquisa na área da gestão em educação física. Tendo como

referência a revisão sistemática, que fiz para esse estudo, compreendo que a pesquisa na área da gestão em educação física ainda se encontra em estágio inicial. Concluindo, espero que futuras investigações possam ampliar e aprofundar os conhecimentos referentes a área da gestão de categorias de base e de escolas de iniciação futebolística. Dado que, conforme pude observar na presente revisão da literatura, ainda é uma área carente de estudos mais aprofundados. Especialmente no que diz respeito a questões específicas da gestão e das possíveis relações e diferenças entre esses dois espaços formativos: as categorias de base de futebol e as escolas de iniciação futebolística.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Antônio Carlos Kfourri *et al.* (Org.). **A nova gestão do futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

CRUZ, Rodrigo Machado. A formação de atletas de futebol: um estudo na categoria sub-15 do cruzeiro esporte clube, Belo Horizonte - MG. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.4, n.13, p.189-194. Set/Out/Nov/Dez. 2012.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação e futebolistas no Brasil e na França**. 1. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

DE PAULA, Márcio Adriano. **Acaso, destino e revelação: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol**. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 395-411, jan/mar. 2014.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MAZZEI, Leandro Carlos; BASTOS, Flávia da Cunha. **Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas**. 1.ed. São Paulo: Ícone, 2012.

MONTAGNER, Paulo Cesar; SILVA, Caio Cezar Oliveira. Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através de “peneiras” no futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 187-200, jan. 2003.

MORAES, Luiz Carlos de Couto Albuquerque *et al.* Formação e ações de treinadores de escolinhas de futebol para crianças na faixa etária entre 6 e 12 anos. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 11, n. 16, jan./abr. 2010.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PAOLI, Próspero Brum *et al.* Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Futebol**, Minas Gerais, v. 01, n. 2, p. 38-52, jul/dez. 2008.

REZENDE, Amaury José; DÁLMACIO, Flávia Zóboli; PEREIRA, Carlos Alberto. A gestão de contratos de jogadores de futebol: uma análise sob a perspectiva da teoria da agência - o caso do Clube Atlético Paranaense. **Revista de Contabilidade e Controladoria**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 95-123, set./ dez. 2010.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 346 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Luiz Marcelo Vídero Vieira. **A evolução da gestão no futebol brasileiro**. 2002. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002.

SCAGLIA, José Alcides. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 36-43, junho. 1996.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves *et al.* Mercado do futebol, juventude e escola. **Perspectiva Capiana**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 20-23, julho. 2010.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves *et al.* Jogadores de futebol no brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

THIENGO, Carlos Rogério. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.